

# POTENCIAL DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO

Ana Caroline Silva Gama<sup>1</sup>  
Rosilene Lima de Oliveira<sup>2</sup>  
José Roberto Zaffalon Júnior<sup>3</sup>

## RESUMO

As práticas corporais de aventura fazem parte do componente curricular Educação Física e devem ser aplicadas nas aulas do Ensino Fundamental – anos finais – até o terceiro ano do Ensino Médio segundo a Base Nacional Comum Curricular. Diante disso o principal objetivo do estudo é analisar a possibilidade de utilização das práticas corporais de aventura como conteúdo da Educação Física Escolar em uma comunidade quilombola. O estudo é de natureza aplicada, com objetivo exploratório e descritivo, possuindo abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada por meio de questionário com escolares de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A partir das informações obtidas no questionário, verificou-se a falta de conhecimento e utilização das práticas corporais de aventura no âmbito escolar. A pesquisa aponta ainda como resultado que as práticas corporais de aventura podem e devem ser ministradas como conteúdo escolar nas aulas de Educação Física, pois a localização da escola é de fácil acesso aos escolares, possuindo uma área extensa de mata e igarapés que possibilitam a utilização de diversas atividades da modalidade. Além disso, é perceptível o interesse dos escolares em ter conhecimento e vivência de atividades inovadoras.

**Palavras-chave:** educação física; práticas corporais de aventura; conteúdo; comunidades remanescentes de quilombo.

## POTENTIAL OF ADVENTURE BODY PRACTICES AS CONTENT FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION IN A REMAINING QUILOMBO COMMUNITY

## ABSTRACT

The adventure body practices are part of the Physical Education curriculum component and should be applied in classes from the later years of Elementary School to the third year of High School, according to the National Common Curricular Base document. In light of this, the main objective of the study is to analyze the possibility of using adventure body practices as content for school Physical Education. The research is of an applied nature, with an exploratory and descriptive objective, employing a qualitative approach. The study was conducted through a questionnaire with students from 6th to 9th grade of elementary school. Based on the information obtained from the questionnaire, it was observed that there is a lack of knowledge and use of adventure body practices in the school environment. The research also indicates as a result that adventure body practices can and should be taught as school content in Physical Education classes, as the school is located in an easily accessible environment for students, with an extensive area of forest and streams that allow the use of various activities in this category. Furthermore, there is a noticeable interest among students in gaining knowledge and experience in innovative activities.

**Keywords:** physical education; adventure body practices; content; remaining quilombo communities.

Submetido em: 8/8/2024

Aceito em: 10/2/2025

Publicado em: 23/4/2025

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Pará – Uepa. Altamira/PA, Brasil. <https://orcid.org/0009-0006-5191-9940>

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Pará – Uepa. Altamira/PA, Brasil. <https://orcid.org/0009-0002-1313-0368>

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Pará – Uepa. Altamira/PA, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2045-8556>

## INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura (PCAs), de acordo com Santos *et al.*, (2021), podem ser realizadas no meio ambiente ou no meio urbano por meio de diferentes modalidades como: *Slackline*, Mergulho, Escalada, Trilha, Canoagem, *Parkour*, Tirolesa, Rapel, Arvorismo, etc. A maioria dos docentes, porém, não se engaja em trabalhar atividades diversificadas, como as relacionadas às PCAs.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quando os alunos concluem as etapas de anos iniciais e ingressam nos anos finais, encontram um grau maior de dificuldade, porém isso não impossibilita que os escolares possam ter conhecimento do componente curricular de forma abrangente e diferenciada do contexto em que costumam ser aplicadas as aulas de Educação Física, podendo, assim, serem trabalhadas as PCAs (Brasil, 2018).

Para que os alunos possam ter vivência das PCAs é necessário que os professores tenham formação para adquirir conhecimentos e assim possam aplicar tais modalidades no ambiente escolar. Segundo Carril (2017), percebe-se a insuficiência na formação de docentes que atuam nas áreas quilombolas, pois a maioria não conhece a realidade local, história e cultura das comunidades quilombolas, e essa insuficiência compromete a qualidade e diversidade da atuação profissional. O mesmo autor destaca que as PCAs estão presentes no dia a dia desses alunos, porém não são usadas como unidade temática nas aulas de Educação Física, mas sim como um meio de sobrevivência, como escalar árvores, remar e caminhar. Todas essas atividades estão presentes no cotidiano desses indivíduos e se planejadas de forma pedagógica podem ser inseridas nas aulas de Educação Física. Isso devido ao fato de que os alunos, na maioria das vezes, deixam de participar das aulas por não se sentirem atraídos pelas práticas rotineiras das aulas, como as atividades de futebol e queimada.

Nesse sentido, a população quilombola é uma população, que de acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Brasil, 2007), é caracterizada como grupos com identidades específicas, que têm um processo histórico que se iniciou no período da escravidão no Brasil. Eles representam a resistência a uma dominação distinta e buscam viver de acordo com a cultura e costumes de seus ancestrais.

De acordo com observações realizadas em uma comunidade escolar quilombola, surgiu a problemática: Qual o potencial das PCAs como conteúdo da Educação Física Escolar em uma comunidade quilombola? Nesse sentido o principal objetivo do estudo é analisar a possibilidade de utilização das PCAs como conteúdo da Educação Física Escolar em uma comunidade quilombola.

## DESENVOLVIMENTO

### Práticas Corporais de Aventura

As PCAs são um conjunto de atividades cuja origem remonta à década de 70 nos países desenvolvidos e expandiu-se somente na década de 90. Essas práticas trouxeram um novo hábito para a sociedade, oferecendo um momento de prazer e emoções no tempo livre e também para testar suas limitações e relaxar (Betrán, 2003).

Conforme Cantorini e Oliveira Jr. (2005), essa modalidade esportiva pode ser praticada por pessoas de ambos os sexos e que são considerados ociosos, por aqueles que não conseguem ter disponibilidade para a prática de atividades rotineiras, é praticada também por quem gosta de se aventurar e se distrair ao mesmo tempo. Proporcionam certo grau de risco, mas podem ser usadas para reduzir o estresse diário e demais aflições ocasionadas no dia a dia das pessoas que praticam as atividades.

Antigamente as PCAs eram atividades realizadas apenas para proporcionar prazer e lazer aos praticantes, mas atualmente, com a ajuda da mídia, tornaram-se um esporte de competições, o que leva a perceber que o lazer deixou de ser apenas lazer e de ser gratuito e passou a ser comercializado, pois a cada dia mais os atletas buscam se aperfeiçoar para poder competir visando a obter um bom desempenho (Marinho, 2003).

Para classificar o esporte de aventura foram utilizados três grandes meios: terra, ar e água e cada atividade de aventura é desenvolvida de acordo com a área em que podem ser praticadas. As atividades do meio terrestre são: skatebord, snowboard, mountain bike, esqui acrobático e escalada livre; no meio aquático surfe, hidrospeed, rafting e decida de barrancos e no meio aéreo: rope, swing, queda livre em paraquedas, asa delta e parapente (Betrán, 2003).

### **As Práticas Corporais de Aventura na BNCC**

Algumas modalidades precisam de equipamentos adequados e específicos para sua execução. Pensando nas PCAs no âmbito escolar, isso poderá fazer com que muitos professores não consigam desenvolver algumas atividades dessa modalidade, porém cabe a ele adaptar essas atividades para que seus alunos possam ter conhecimento e vivência de algumas dessas práticas. Vale ressaltar também que algumas modalidades não exigem equipamentos para sua execução, favorecendo assim o trabalho do professor (Portela *et al.*, 2021).

As PCAs fazem parte dos conteúdos abordados na Educação Física Escolar desde a elaboração e reformulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018. Segundo o documento as PCAs devem ser ministradas nas aulas de Educação Física da educação básica, desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o último ano do Ensino Médio.

As PCAs podem ser realizadas tanto no meio rural como no meio urbano, porém algumas práticas não podem ser desenvolvidas em determinados locais, por isso é essencial que essas práticas sejam realizadas de acordo com seu ambiente. O documento ainda traz possibilidades de aplicar nas aulas de Educação Física as PCAs dentro do ambiente escolar e ao seu redor, pois cada escola possui uma estrutura e local diferente, podendo ser utilizados os espaços que cada escola possui para a realização de inúmeras atividades pertencentes às PCAs (Inácio, 2021).

As PCAs aparecem como novidade entre os conteúdos apresentados pela BNCC, os quais costumam ser abordados para desenvolvimento no processo ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física em todo o país, e por se tratar de um conteúdo inovador e interessante as PCAs vêm sendo realizadas de forma frequente

pelos pessoas e com isso vêm a cada dia se disseminando por todo o país (Inácio *et al.*, 2016).

A BNCC enfatiza ainda que os componentes curriculares da área de Linguagens devem oferecer aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental oportunidade e acesso a conteúdo inovadores, diferentes dos tradicionais, por exemplo, os que costumam ser abordados pelo componente curricular Educação Física. Nesse sentido, as PCAs surgem como algo totalmente diferente do que costuma ser vivenciado pelos alunos, pois as PCAs buscam relacionar o aluno/pessoa com o meio no qual se pratica determinada atividade. Essa relação busca aprofundar a compreensão em relação aos meios onde são desenvolvidas as práticas e oportunizar a interação dos alunos com demais pessoas de forma individual e coletiva para que possam se expressar e participar (Brasil, 2018).

Tendo como base o que destaca a BNCC, as PCAs devem ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física, sabendo-se que as atividades desta modalidade apresentam inúmeras possibilidades e locais em que podem ser aplicadas, por exemplo, a natureza, porém para que as PCAs sejam aplicadas nas aulas de Educação Física é necessário que sejam feitas adequações, pois muitas escolas não possuem estruturas adequadas para a realização dessas atividades. Salienta-se ainda que essas atividades podem ser desenvolvidas no entorno escolar, desde que seja planejada de acordo com as especificidades locais. As adequações são necessárias e de extrema importância, pois possibilitarão que os alunos possam vivenciar e experimentar as práticas dentro do ambiente escolar ou em seu entorno, ainda que seja de forma simulada ou mesmo de modo real e por meio desta experiência o aluno poderá ter como aprendizado a importância deste conteúdo (Tahara; Soares; Darido, 2019).

## **A Educação e o Processo Educacional em Comunidades Remanescente de Quilombo**

As comunidades quilombolas são grupos que lutam por sua autonomia desde o início da colonização brasileira. Depois de séculos lutando em busca de sua liberdade, com muita insistência surgiram leis que aboliram a escravidão no Brasil. Partindo de um ponto de vista social, os negros eram rejeitados, maltratados e não aceitos pela sociedade; eram considerados seres inúteis, elementos negativos na formação social, quando na verdade eles foram os principais responsáveis pelo processo de civilização do Brasil (Romão, 2005).

Os avanços conquistados pelo povo quilombola em relação à educação ocorreram após muitas lutas e resistência em oposição à ideia reguladora dos governantes neoliberais, imposta pelos movimentos negros e movimento quilombola em que estes reivindicavam direitos sociais e educacionais (Silva, 2020).

De acordo com Freitas, Silva e Galvão (2009), as comunidades remanescentes de quilombos têm como objetivo uma educação que priorize sua história, cultura e religião. Desse modo as PCAs poderão estar presentes no cotidiano e fazerem parte da cultura dessas pessoas, sem que as mesmas saibam, a exemplo temos as caminhadas para suas roças a longas distâncias de suas casas.

A luta pela valorização cultural e social do povo quilombola, assim como pela garantia de uma educação de qualidade que incorpore sua cultura e costumes, é constante, pois eles exigem uma valorização e fortalecimento de sua identidade para que então seus descendentes possam orgulhar-se da história, cultura e costumes do seu povo (Pereira, 2021).

A educação nas áreas pertencentes aos remanescentes de quilombo acontece de forma compartilhada, em que a troca de conhecimentos e saberes perpassam de geração para geração. Os professores que atuam nessa localidade buscam conhecimentos para trazer de fato para o meio escolar a valorização da rica cultura desse povo, ou seja, demonstram respeito pela realidade vivenciada nas comunidades quilombolas, reconhecendo essa cultura como parte do processo educacional dos escolares (Maia, 2019).

O componente curricular Educação Física para obedecer à Lei nº 10.369/2003 e Lei 11.645/2008 que determina a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura dos Povos Afro-Brasileiros e Indígenas, incluso nas disciplinas que fazem parte da grade curricular da educação básica, respectivamente, deve ser ministrada de forma que agregue os conhecimentos necessários das diversas culturas pré-existentes de modo que preserve e valorize a originalidade dessas culturas por meio das Práticas Corporais (PCs) incluindo as PCAs, utilizando os instrumentos necessários, como os conhecimentos culturais desse povo (Portela *et al.*, 2021).

Assim sendo, os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem precisam refletir e se organizar de forma que venha a contemplar todas as diversidades culturais no ambiente escolar, entre as quais destacamos as PCAs que estão diretamente ligadas às práticas rotineiras nas atividades de lazer, agricultura e pesca desse povo, desde quando ainda eram considerados nômades, e para que haja esse conhecimento é fundamental que seja trabalhado o componente curricular Educação Física juntamente com a disciplina Língua e Cultura Afro-Brasileira.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Metodologicamente o trabalho foi realizado por meio de natureza aplicada, a qual, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) tem como objetivo solucionar problemas concretos existentes, trazer ideias inovadoras por meio da aplicação e que seja de interesse local, territorial e regional. Quanto ao objetivo trata-se de um estudo exploratório e descritivo que segundo Gil (2007), é aquele que busca conhecer com propriedade os problemas locais e torná-lo evidente para a comunidade.

Possui abordagem qualitativa, que de acordo com Denzin e Lincoln (2006), é aquela que busca conhecer a realidade do local onde será realizado o estudo, visando a entender os fenômenos naturais no que diz respeito à importância do local para os envolvidos; nesse sentido a pesquisa preza pela descrição do estudo realizado pelos pesquisadores. Possui interface com a pesquisa de campo, que de acordo com Piana (2009) tem como objetivo levar o pesquisador até o local onde será realizada a pesquisa, para então conhecer de fato a realidade local e coletar informações diretamente da população pesquisada.

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada em uma comunidade remanescente de quilombo. Participaram do estudo 15 alunos na faixa etária de 12 a 36 anos, matriculados do 6º ao 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, correspondendo ao universo total da amostra. Os dados foram coletados por meio de um questionário adaptado de Freitas (2012).

As respostas foram avaliadas por meio do método de análise de conteúdo de Bardin (1977), o qual define as etapas para análise de conteúdos, sendo elas: organização da investigação, cifração, classificação da análise em categorias, intervenção dos resultados, mediação e avaliação dos resultados.

O presente trabalho seguiu todas as normas da Resolução 466.2012, que aborda os princípios éticos e pesquisa com seres humanos; foi submetido para avaliação do Comitê do Conselho de Ética da Universidade do Estado do Pará e aprovado sob parecer nº 6.533.693.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao perguntar se os alunos gostam das aulas de Educação Física, foi perceptível que sim, 13 alunos entre os 15 entrevistados responderam que gostam das aulas de Educação Física e apenas 2 deles dizem não gostar das aulas. Segundo a justificativa dos alunos que dizem gostar “é por que é muito divertido e são fundamentais para a saúde do nosso corpo”; já os que dizem não gostar “é por falta de motivação dos pais e professores”. Conforme Darido (2004), para os alunos o professor é o principal responsável em fazer com que os escolares gostem ou não das aulas de Educação Física, pois tudo dependerá de uma didática renovada e atraente para que os alunos se interessem e queiram participar das atividades, e nesse sentido é importante que o professor planeje suas aulas de forma que sejam saudáveis e prazerosas.

Quanto à motivação em participar das aulas de Educação Física, 12 dos entrevistados sentem-se motivados em participar e 3 alunos não. Segundo os alunos, que se sentem motivados é “por que as aulas são divertidas, tem aventura e adrenalina”. Segundo Bidutte (2001), as aulas de Educação Física só serão motivadoras se forem planejadas de forma que agreguem todas as expectativas dos educandos de ambos os sexos, caso contrário as aulas serão desmotivadoras para parte da turma.

Em relação ao entendimento sobre as PCAs, 5 alunos acreditam ser “Corrida; Canoagem; Aventura; Esporte; Dança; Flexão” e 10 nunca ouviram falar em PCAs; uma entrevistada respondeu: “Já ouvi falar em aventura, não práticas corporais de aventura, então acredito que seja atividade na floresta”. Com base nas respostas dos alunos é perceptível que a maioria não conhece de fato o que são as PCAs, imaginam o que possa ser, porém nunca tiveram informações concretas nas aulas de Educação Física referentes ao conteúdo. De acordo com França *et al.* (2023), as PCAs são conteúdos novos na prática pedagógica dos professores de Educação Física, e nesse sentido os professores precisam buscar conhecimento, informações e qualificação para poder dominar esse conteúdo que até pouco tempo não fazia parte da Educação Física Escolar. Essa carência de conhecimento referente ao conteúdo gera essa desinformação nos educandos. Salienta-se ainda que os conteúdos da disciplina são norteados pela BNCC e que as PCAs são tão importantes como qualquer outro conteúdo, pois são essenciais



para compreensão e conhecimento que os educandos devem desenvolver ao longo da vida estudantil.

É notório que os participantes da pesquisa não conhecem de fato as PCAs, porém os 15 estudantes que participaram acreditam que há benefício em praticar atividades da modalidade em contato com a natureza somente por fazerem parte da disciplina de Educação Física. Uma participante da pesquisa respondeu: “Sim, tem benefício é atividade física, então faz bem para o nosso corpo”. Nesse sentido é perceptível que os escolares reconhecem a importância de praticar atividade física dentro do ambiente escolar, mesmo sendo em contato com a natureza, pois as atividades físicas proporcionam aos praticantes melhor qualidade de vida, permitindo melhora no bem-estar físico e mental, além de promover momentos agradáveis de lazer e conhecimento referentes ao ambiente da natureza na qual a atividade seja desenvolvida. Tahara e Carnicelli Filho (2009) afirmam que as PCAs são benéficas para a saúde do indivíduo, conscientiza em relação ao meio ambiente e ainda poderá ajudar na resolução das adversidades do dia a dia. Para Paixão (2017), as atividades de aventura possibilitam ao ser humano sentir sensações de prazer, superar as dificuldades e oferecem oportunidade de estar em contato com a natureza.

Quanto à opinião dos alunos em relação se seria ou não interessante ter aulas sobre as PCAs nas aulas de Educação Física: 6 alunos responderam “Sim”, 5 responderam “Seria interessante aprender sobre as PCAs” e 4 alunos responderam “Uma atividade nova nas aulas”. Nesse sentido, percebemos que é interessante para os educandos conhecerem e ter vivência das PCAs nas aulas de Educação Física, pois se trata de um conteúdo novo com atividades diferentes das que costumam praticar. A introdução das PCAs nas aulas de Educação Física é um assunto bastante debatido, porém os conteúdos referentes à unidade temática são essenciais para trabalhar o desenvolvimento do aluno, é fundamental que os educandos tenham a oportunidade de conhecer, experimentar situações e sensações inovadoras (Nunes; Trondoli; Tahara, 2023).

Para os participantes da pesquisa, seria interessante que fossem desenvolvidas na sua escola algumas atividades da modalidade PCAs: 7 dos participantes da pesquisa responderam canoagem, 5 responderam escalada e 3 responderam acampamento. Ao analisarmos as respostas nota-se o interesse dos participantes da pesquisa por essas atividades, as quais estão diretamente ligadas a algumas das práticas que vivenciam diariamente, só que não de forma pedagógica. Vale ressaltar o quanto essas atividades são importantes para o desenvolvimento humano, tanto na promoção da saúde do corpo como da mente. Para Lemos, Pranke e Teixeira (2008), a canoagem compreende um conjunto de habilidades que são desenvolvidas durante a sua realização. Pereira (2007) diz que a escalada quando trabalhada de forma recreativa proporciona benefícios para os praticantes, tornando-os mais ágeis, resistentes, com melhor desenvolvimento motor, aprimora o trabalho em equipe e melhora a capacidade de deslocamento. Para Venancio, Labanca e Ribeiro (2017) o acampamento é considerado um ambiente propício na promoção da liberdade e empoderamento, tanto para crianças como para adolescentes, principalmente aqueles que não têm o hábito de ficar fora de casa, contribui na formação social desses indivíduos.

Tratando-se de escolas em áreas quilombolas, para os participantes da pesquisa é possível a realização das atividades relacionadas às PCAs na referida escola, 3 alunos responderam que não há possibilidades para a realização das atividades, 2 entre esses 3 participantes da pesquisa disseram “não há tempo para outras coisas a não ser estudar em sala de aula; não têm pessoas que se interessem para trabalhar essas coisas novas”, 12 participantes disse ser possível a realização das atividades na escola, uma participante respondeu “Sim, é possível, aqui para onde a gente vai é mata, então dá para fazer acampamento”. Por se tratar de uma escola localizada em território quilombola e ao ser afirmado pelos participantes da pesquisa que há possibilidades de realização dessas atividades relacionadas às PCAs, verificamos que o local dispõe de estruturas que contribuirão para execução dessas práticas, a utilização das PCAs como conteúdo escolar, capaz de contribuir na formação dos alunos, dessa forma podemos considerar dois pontos de fundamental importância: o social e o emocional, assim como a valorização cultural dessa comunidade. Para Franco (2008) e Inácio, Moraes e Silveira (2013), a inserção das atividades de aventura no âmbito escolar proporcionará momentos de debate entre os escolares, argumentando a respeito da forte ligação entre o homem e o ambiente.

Os alunos dizem já ter praticado algumas das atividades relacionadas às PCAs fora da escola. De acordo com os participantes da pesquisa, 5 deles já “correram na floresta, andaram de bicicleta na floresta, acampamento, caminhada, trilha e fazem aporfias<sup>4</sup> remando na canoa”. Neste sentido, os participantes da pesquisa já praticaram algum tipo de PCAs no seu dia a dia, pois a área de ambientação onde residem é de natureza, rios e igarapés, muito utilizado para plantações, caçada, mariscada<sup>5</sup> e pesca. Além disso, as áreas ao redor das casas são muito usadas para o lazer e brincadeiras das crianças e adultos. Para Roseira *et al.* (2020), essas atividades praticadas no dia a dia de comunidades remanescentes de quilombos existem desde seu surgimento e podem ser consideradas PCAs na natureza, pois possuem características de desafios e superação tendo que subir, descer, pular, saltar, correr e escalar em árvores, todas essas vivências se assemelham à prática de atividade física e também das PCAs.

Todas essas experiências vivenciadas no dia a dia influenciam nos objetivos e finalidades da Educação Física Escolar, por estarem relacionadas ao processo pedagógico do desenvolvimento humano, que poderá ser favorecido em diversos aspectos, como cognitivo, psicomotor e socioafetivo, sendo capaz de desenvolver e estimular aspectos interdisciplinares em relação ao desenvolvimento dos educandos (Marinho; Schwartz, 2005).

Levando as PCAs para o âmbito escolar conforme a BNCC, essas vivências proporcionam inúmeros conhecimentos que poderão ser utilizados na vida cotidiana do indivíduo em seu local de ambientação, sendo necessário um planejamento dessas atividades de acordo com as especificidades de cada contexto escolar (Brasil, 2018).

<sup>4</sup> Aporfia para as pessoas da localidade é uma competição. Determinam uma quantidade de pessoas, cada uma em uma canoa e com um remo, em seguida é determinado um local de partida e chegada, o participante que chegar primeiro é o vencedor. Esta brincadeira é bastante conhecida e praticada na zona rural do município de Gurupá, e se assemelha à canoagem.

<sup>5</sup> A mariscada para a comunidade Remanescente de Quilombo refere-se à pesca de subsistência. E a pesca é com finalidade comercial.



Quanto aos pontos positivos e negativos em relação à aplicabilidade das PCAs nas aulas de Educação Física, os 15 escolares participantes da pesquisa consideram como ponto negativo o fato de que eles “nunca tiveram aulas com atividades das PCAs”. Nesse sentido, é evidente que os anseios dos alunos é vivenciar novas experiências em suas aulas de Educação Física, sentem curiosidade em conhecer as atividades da modalidade PCAs. Tahara e Darido (2018) e Inácio, Souza e Machado (2020) relatam que as PCAs tornam-se ausentes nas aulas de Educação Física por falta de conhecimento dos professores.

De acordo com Kaszubowski (2011), o professor ao utilizar em suas aulas a categoria de aventura faz com que os alunos se sintam motivados e atraídos pela modalidade. Dessa forma os escolares terão oportunidade de aprender e vivenciar novas experiências e sensibilizá-los sobre a importância de cuidar do espaço onde habitam e também no desenvolvimento de várias habilidades. Vale ressaltar que o professor, assim como o aluno, ao participarem das atividades de PCAs como conteúdo escolar, passarão por experiências que contribuirão de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados na pesquisa, observou-se que as PCAs surgem como um conteúdo inovador na Educação Física para os escolares da escola-alvo do estudo, pois dentro do âmbito escolar nunca tiveram conhecimento referente ao conteúdo, e quando apresentadas aos participantes da pesquisa as PCAs, percebemos o interesse e curiosidade nos escolares em conhecer e vivenciar a prática dessas atividades.

A pesquisa aponta como resultado que as PCAs podem e devem ser ministradas como conteúdo nas aulas de Educação Física, pois a localização da escola é de fácil acesso aos escolares, em uma área bastante extensa de mata e igarapés que possibilitam o seu uso para a realização de diversas atividades da modalidade. Além disso, é perceptível o interesse dos alunos em ter conhecimento e vivências de atividades inovadoras que lhes permitiriam sentir sensações de prazer e emoção.

Para tanto, é necessário que o Projeto Político-Pedagógico da escola seja formulado pela gestão e pela comunidade escolar, com o intuito de atender às necessidades relacionadas a todos os conteúdos dos componentes curriculares, em especial à Educação Física. Dessa forma, a direção precisa identificar os materiais para execução das aulas e no que se refere à formação docente, sugerimos que o poder público, por meio da Secretaria de Educação, identifique essa deficiência na formação dos professores que atuam nas escolas do município e disponibilize cursos de capacitação e atualização docente.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BETRÁN, Javier. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa. *Turismo, lazer e natureza*. Barueri, SP: Manole, 2003. p. 29-52.
- BIDUTTE, Luciana de Castro. Motivação nas aulas de educação física em uma escola particular. *Psicologia Escolar e Educacional*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 49-58, dez. 2001. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-85572001000200006>

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF, 7 fev. 2007. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 3 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CANTORINI, José; OLIVEIRA JR., Constantino. *As atividades físicas de aventura na natureza: um estudo na perspectiva do processo civilizador e da tecnologia como fator de afastamento e aproximação da natureza*. Ponta Grossa, PR, Brasil. 24 a 26 de nov. 2005.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. *Revista Brasileira de Educação*, [S. l.], v. 22, n. 69, p. 539-564, jun. 2017. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017226927>

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FRANÇA, Dilvano Leder de; ROCHA, Adair José Pereira da; OLIVEIRA, Valdomiro de; VAGETTI, Gislaine Cristina. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física Escolar: uma revisão de escopo. *Educação: Teoria e Prática*, v. 33, n. 3, p. 1-18, 30 maio 2023.

FRANCO, L. C. P. Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Departamento de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, Rio Claro, 2008.

FREITAS, Dionísio Bellé de; SILVA, Jasson de Miranda; GALVÃO, Edna Ferreira Coelho. A relação do lazer com a saúde nas comunidades quilombolas de Santarém. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 89-105, jan. 2009.

FREITAS, Tamires Alvarado de. *Possibilidades das atividades físicas de aventura (AFAs) no contexto escolar*. 2012. 59 f. Trabalho (Conclusão de Curso de Graduação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Curso de Educação Física, Rio Claro, 2012.

GERHARDT, Tatiana Angel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. [S. l.]: [s. n.], 2009. p. 1-120.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

INÁCIO, H. L. D.; MORAES, T. M.; SILVEIRA, A. B. Educação Física e educação ambiental: refletindo sobre a formação e atuação docente. *Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, Campinas, v. 11, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2013.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Goiânia, v. 43, n. 2, p. 156-158, 20 maio 2021.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; CAUPER, Dayse Alisson Camara; SILVA, Luzia Antônia de Paula; MORAIS, Gleison Gomes de. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da base nacional comum curricular. *Motrivivência*, [S. l.], v. 28, n. 48, p. 168, 21 set. 2016.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUSA, Caroline Castro; MACHADO, Lídia Ferreira. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório. *Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, Goiânia, v. 63, n. 32, p. 1-16, nov. 2020.

KASZUBOWSKI, Patrick. *Os esportes de aventuras nas aulas de Educação Física*. 2011. Trabalho (Conclusão de Curso em Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Florianópolis, 2011.

LEMONS, L. F. C.; PRANKE, G. I.; TEIXEIRA, C. S. Metodologia para aprendizado da canoagem. *Lecturas, Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 12, n. 114, 2008.

MAIA, Damares Santos. *Relações entre educações na Comunidade Quilombola São Bernardino, Mojú/PA*. 2019. 55 f. Trabalho (Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Acará, 2019.

MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidade de resistência. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa. *Turismo, lazer e natureza*. Barueri, SP: Manole, 2003. p. 29-52.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da Educação Física: reflexões sobre seu valor educativo. *Efdeportes.Com*, Buenos Aires, n. 1, p. 1-1, set. 2005.

NUNES, Maria Luíza Azevedo; TRONDOLI, Lívia de Paula; TAHARA, Alexander Klein. A inserção das práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física Escolar. *Aces – Arquivos de Ciências do Esporte*, Ilhéus, Bahia, v. 11, n. 2, p. 1-10, jul. 2023.

PAIXÃO, J. A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física Escolar. *Motrivência*, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, maio 2017.

PEREIRA, Dimitri Wu. *Escalada*. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2007.

PEREIRA, Laura Belém. *Educação e saberes tradicionais quilombolas: um estudo sobre as práticas educativas na Escola Municipal Jaú Tambor/Novo Airão, AM*. 2021. 184 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas (PPGE/Ufam), curso de Educação Física, Manaus, 2021.

PIANA, M. C. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional. São Paulo: Editora Unesp: Cultura Acadêmica, 2009. [on-line].

PORTELA, Ivalda Kimberly Santos; BOMJARDIM, Ariele Rocha; LIMA, Jéssica Pedroso; MOREIRA, Camila Rodrigues; CRUZ, Beatriz Santos da; PEREIRA, Carlos Luis. Existimos e resistimos: a prática da educação física nas comunidades quilombolas. *Research, Society And Development*, Bahia, v. 10, n. 15, p. 1-10, 28 nov. 2021.

ROMÃO, Jeruse. *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROSEIRA, Ítalo Breno Rocha; MACHADO, André Accioly Nogueira; OLIVEIRA, Antonio Ricardo Catunda de; PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas. Práticas corporais de aventura e suas contribuições para Educação Física Escolar. *Educação & Linguagem*, [S. l.], n. 157, p. 2-9, maio 2020.

SANTOS, Gabrielle Souza; ANDRADE, José Giovanni Santos; SILVA, Leonardo Rabelo da; BATISTA, Maique dos Santos Bezerra; RIBEIRO, Davi Soares SANTOS. *Práticas corporais de aventura*. Paripiranga, BA, Unia- ges: Even3 Publicações, 2021.

SILVA, Fabiane Moreira da. Escolas para quilombolas: identidade, territorialidade no Colégio Estadual Qui- lombola Diogo Ramos e na Escola Municipal do Campo Augusto Pires de Paula. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, curso de Educação Física, Curitiba, 2020.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física Escolar em Ilhéus/BA. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 973-986, jul./set. 2018.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e academia de gi- nástica: motivos de aderência e benefícios advindo da prática. *Revista Movimento*, v. 15, n. 3, p. 187-208, 2009.

TAHARA, Alexander Klein; SOARES, Dandara de Carvalho; DARIDO, Suraya Cristina. Estado da arte: práti- cas corporais de aventura e educação física escolar. *Arquivos de Ciências do Esporte*, Ilhéus, v. 6, n. 3, p. 98-101, 26 abr. 2019.

VENANCIO, Juliana Muniz Possato; LABANCA, Rebecca Ortiz; RIBEIRO, Circéa Amália. Benefits of parti- cipation in a summer camp to self-care for children and adolescents with diabetes: the perception of mothers. *Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 6, p. 1-9, 2017. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20170004>

#### Autor correspondente

José Robertto Zaffalon Júnior

Universidade do Estado do Pará – Uepa

Laboratório de Exercício Físico e Estilo de Vida (Lefev) – Campus IX – Altamira, Avenida Bom Jesus, s/n, Bairro Mutirão, Altamira/PA, Brasil

[jrzaffalon@uepa.br](mailto:jrzaffalon@uepa.br)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído  
sob os termos da licença Creative Commons.

